

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Paratim nº 17

Class.: 02

Data: abril/80

Pg.: _____

Na Bahia, líder Kaimbé: Aqui está em revolução

"Aqui está em revolução, jorra muita água mas os brancos atalham e não deixam que ela chegue até nós. Eles cercaram o rio, a água fica sem utilidade mas eles não permitem que ela nos sirva. Estamos sendo ameaçados por eles, já estão até proibindo que os índios andem pelas estradas. Pedimos providências urgentes à FUNAI. Estamos passando sede e eles prometem polícia toda hora e surra também".

Este é um trecho da carta enviada pelo tuxaua João Marcelino, também conhecido como "Maroto", da tribo **Kaimbé**, localizada em Euclides da Cunha, Distrito de Massaracá, Bahia, cuja população está em torno de 900 pessoas. O povo **Kaimbé** vive uma situação extremamente dramática: vem sofrendo implacável perseguição por parte de fazendeiros e latifundiários que invadem suas terras e está proibido até de utilizar as águas do rio que fica dentro de seus próprios limites.

INVASÕES, MORTES, SAQUES...

Apesar de constar num alvará do século XVII que a área pertence aos **Kaimbé** — demarcação feita ainda pelos jesuítas — as melhores terras já foram tomadas pelos "brancos", principalmente os grandes fazendeiros que agora cercaram o rio e negam água aos **Kaimbé**.

"A gente não aguenta mais as pressões por parte dessas pessoas e caso as coisas não mudem brevemente haverá uma revoltada do meu povo", afirma o tuxaua João Marcelino. As invasões à terra dos **Kaimbé** começaram com o coronel José Américo, que morreu em 1902, tendo seu filho, Potâmio de Souza, continuado a exploração iniciada pelo pai.

A partir daí não teve mais fim a história de perseguição e crimes.

"Em vez de procurar jagunços — conta o líder — esse coronel Zé Américo perseguiu foi os índios. Bateu em índio, queimou casa, fez a pior bagaceira. Os índios tiveram que debandar. Os mais teimosos começaram a voltar. Mas tem muita gente debandada por aí".

AGORA DISSERAM: CHEGAI

Um tal de José Severino Rodrigues, de Aquino, da empresa OTEMAPES, comprou um pedaço de terra mas na hora de cercá-la entrou na área indígena mais de uma légua. Meteu o trator na cerca do índio Joaquim e deixou pra lá. "Vinha que nem uma fera", conta João Marcelino. Veio a FUNAI, mandou embargar o trabalho de Severino e este não deu ouvidos. Os índios, já cansados de conversa fiada, derrubaram eles mesmos parte da cerca — em três horas derrubaram quatro quilômetros de cerca — e com isso aprenderam que a defesa de suas terras tem que ser feita com a união de todos.

Outros latifundiários são o tal Dr. Ari, que está proibindo os **Kaimbé** de utilizarem a água do rio, e o tal Dr. Oliveira Britto, além de intrusos, estimulados pelos poderosos.

Em outubro de 1978 o topógrafo do INCRA, José Carlos de Moraes e um elemento da Polícia Federal foram demarcar parte da área invadida por Severino. Mas como era de se esperar, a demarcação visava favorecer o latifundiário. Os índios protestaram porque as duas "autoridades" deixaram de fora da área indígena dois marcos e um tanque.

Durante a 13ª. Assembléia Indígena Nacional, realizada em outubro do ano passado, em Sergipe, as lideranças **Kaimbé** foram claras quanto a seus objetivos:

"Exigimos o direito para tirar nossas variantes de um marco ao outro, limpar as encanções das águas nativas, plantar arroz na lagoa da Ilha, fazer telhas nas nossas olarias, fazer roça na nossa área, retirar os apossados, retirar os seus arames, seus marcos falsos dentro da área dos índios; por um açude dos índios".